

MASCULINO-FEMININO: EM BUSCA DE SAÚDE E OBEDIÊNCIA

Documento

INTRODUÇÃO

A Fraternidade Teológica Latino Americana-Brasil reuniu-se em Campinas, de 19 a 22 de setembro de 1991, para discutir e aprofundar o tema **Relação masculino-feminino: em busca de saúde e obediência**.

O tema é resultado da proposta de algumas mulheres da FTL-Brasil que, reunidas no ano anterior para agendar uma consulta sobre a **mulher**, perceberam a urgência de se estudar a relação masculino-feminino, antes de se tratar da questão da mulher propriamente dita, o que se dará em consulta posterior.

O Pr. Hilton Oliveira e Ilze Zirbel apresentaram estudos de natureza bíblico-teológica; Raquel Prance apresentou um ensaio antropológico sobre o relacionamento homem-mulher a partir de sua inserção numa comunidade pobre; Isabelle Ludovico da Silva estudou o tema numa perspectiva psicológica, enfatizando a visão de Jung; Solymar e Ronaldo Alves abordaram o tema a partir de sua experiência prática, como casal que trabalha com meninos e meninas de rua em Maceió, Alagoas; Yokimi Yuaça, obreira da Igreja Holiness, em processo de ordenação, preparou um trabalho sobre a situação da mulher no ministério eclesialístico.

Paul Freston e Marília Schüller foram o debatedor e a debatedora principais, tecendo considerações sobre cada palestra, enriquecidas com as contribuições das diversas plenárias e dos grupos organizados para debate e aprofundamento dos tópicos.

Dada a impossibilidade da redação final ser feita durante a consulta, este relatório foi preparado posteriormente pela equipe de Maceió presente àquela reunião.

1- MASCULINO-FEMININO NA BÍBLIA

Os relatos da criação no livro de Gênesis afirmam, em estilos diferentes, a igualdade entre homem e mulher. O texto de Gn 1.27 diz que ambos, homem e mulher, refletem a imagem de Deus; e Gn 2.18 descreve a mulher como "ajudadora idônea" (ao mesmo nível) do homem.

A queda rompe essa harmonia, criando distorções dos relacionamentos dos seres humanos com Deus, com a natureza e entre si mesmos. A destruição da

aliança com Deus quebra a aliança do homem com a mulher pela dominação do primeiro e pelo sofrimento e submissão da última.

O nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus inauguram a era do Reino de Deus e a restauração de todos os relacionamentos rompidos. As atitudes de Jesus para com a mulher restauram a dignidade da mesma. Destoando da teologia da época, Jesus cura mulheres, convive com mulheres (inclusive com prostitutas), aceita mulheres como discípulas, discute teologia com mulheres e revela-se ressurreto primeiramente a uma mulher.

Dentro dessa perspectiva, a igreja de Jesus é chamada, em profundo arrependimento, a reformular sua teologia, suas estruturas e seus relacionamentos internos, a abrir espaços para homens e mulheres exercerem os seus dons, talentos e vocações específicas, sem restrições ou discriminações.

Para isto, torna-se necessário o desenvolvimento de uma hermenêutica comunitária, onde homens e mulheres, juntos, estudem profundamente o tema, estendendo-se esta discussão às igrejas e comunidades evangélicas.

A chave para o relacionamento homem-mulher não pode ser a hierarquia, mas o serviço mútuo, conforme a autoridade exercida e preconizada por Jesus Cristo, conforme Mt 20.20-28.

Neste momento histórico, o problema da linguagem, inclusive, é crucial. A linguagem exclusiva na interpretação do texto bíblico não é algo meramente formal, mas questão de conteúdo, que implica em dominação. Atribuir aspectos unicamente masculinos a Deus, a Cristo e ao Espírito, significa sacralizar o patriarcado e reforçar o machismo de nossa sociedade. Lembramos, também, que as palavras para Espírito, na Bíblia, não são masculinas: ruah, no Antigo Testamento, é uma palavra hebraica feminina; pneuma, no Novo Testamento, é uma palavra neutra no grego, o que nos abre sugestivas possibilidades.

2- O SER HUMANO HOMEM-MULHER, A CULTURA E A SOCIEDADE

A categoria teológica "queda" tem correspondentes desdobramentos a nível pessoal (psicológico), a nível cultural (antropológico) e a nível político e econômico (sociológico).

A monumental construção de Freud sobre a psiquê humana encontra sua brecha na mulher, definida e valorizada em função do homem (tendo este valor em si mesmo).

Para Freud, o modelo de desenvolvimento do homem é a norma geral, e a mulher o seu desvio. Associou feminilidade à passividade, falta de pênis, narcisismo, superego mais fraco, deficiência intelectual, tendências masoquistas, instinto, desejo e prazer. Tudo que é primitivo, ilusório, sensual e imediato. Enquanto isso, masculinidade foi associada ao ideal humano, à renúncia, saúde mental, intelecto independente, moralidade, razão, subli-

mação, possessão de pênis, desenvolvimento da ciência e da cultura. (Palestra de Isabelle Ludovico)

Evidentemente, Freud confunde inferioridade social, resultante de processos históricos e sócio-culturais, portanto provisórios e acidentais, com inferioridade psicológica e neurológica permanentes.

É em Jung que a reflexão teológica pode encontrar a ponte para um trabalho de reinterpretação e restauração do relacionamento masculino-feminino. Para Jung, masculino e feminino são categorias encontradas dentro do homem e da mulher, estando o crescimento do ser humano ligado ao aceitar, assumir e vivenciar estes dois arquétipos denominados, respectivamente, *animus* e *anima*. O masculino, *animus*, é o princípio de diferenciação; e, o feminino, *anima*, o princípio de agregação, sendo que o *self* é o centro andrógino-masculino-feminino, facilmente relacionável à *imago Dei* (imagem de Deus).

A nossa cultura reflete muito mais o patriarquismo fálico de Freud do que o integralismo de Jung, demonstrado claramente na publicidade veiculada pelos diversos meios de comunicação e em nossa linguagem cotidiana.

Um "outdoor" da Benetton espalhado pelas cidades do Brasil apresenta uma mulher negra amamentando uma criança branca. O quadro chocante e paradoxal, reforçado pelo fato de ser propaganda da "alta costura", possui um detalhe revelador: a mulher está fragmentada, a sua cabeça não aparece, apenas os seus seios, que nutrem uma criança inteira.

Este e outros anúncios servem para reforçar a imagem de que a mulher (ainda mais a negra) serve apenas para a reprodução biológica, não serve para pensar. Enquanto o homem participa ativamente do processo cultural como produtor, a mulher aparece como reprodutora, portanto, sem valor em si mesma. O homem é cabeça pensante, a mulher é corpo utilizável, fonte de prazer do homem e máquina de gerar seus filhos. É próprio do homem a razão e a decisão, é próprio da mulher a paixão e a emoção.

Várias conversas cotidianas, recolhidas por Raquel Prance em uma comunidade pobre, revelam como a mulher assume estes estereótipos culturais impostos pelo sexo dominante. Sua linguagem reflete a sua situação de dominada e desvalorizada, o que é agravado por uma atitude profundamente fatalista.

Quando chega aos grupos marginalizados, a relação masculino-feminino e a sexualidade assumem contornos grotescos e desproporcionais. Do relato do trabalho prático de Solymar e Ronaldo, em Maceió, Alagoas, junto aos meninos e meninas de rua, pudemos perceber alguns aspectos desta distorção.

Primeiro, é impossível separar o componente sexualidade dos outros componentes como violência, competição, educação e miséria, tudo isso ligado ao sistema capitalista em que vivemos. A rua é uma espécie de espaço-limite entre a realidade e a possibilidade. Por ser, ao mesmo tempo, o lugar da liberdade e do extermínio, o menino e a menina exprimem a sua identidade sexual em visível

conflito.

A menina, na rua, não é liderada, é companheira, e, muitas vezes, líder, influenciando para tanto fatores constitutivos de sua personalidade, independentes de seu sexo. Seu relacionamento sexual com o sexo oposto raramente é com meninos. O adulto, muitas vezes um policial, é frequentemente o seu parceiro sexual masculino, transmitindo-lhe uma sexualidade ligada à violência e exploração pelo uso da força. A menina não decide, junto ao homem, quanto a sua sexualidade. Esta lhe é imposta violentamente. A única relação consentida pela menina de rua, com o adulto, é em troca de dinheiro ou de favores, inexistindo, portanto, o componente afetivo nas suas trocas sexuais com o sexo oposto. De fato, afeto ligado à sexualidade só serão experimentados nas suas práticas homossexuais.

O menino encontra na rua o ambiente propício para repetir o padrão cultural que lhe foi dado. Neste lugar onde competição significa sobrevivência, ele precisa "ser homem", em outras palavras, decidido, determinado, agressivo e até violento. Por isso, raramente um menino se torna homossexual na rua; os que têm práticas homossexuais já as tinham antes de chegarem às ruas. Estes últimos aprendem, nas ruas, a cultura da competição, agressão e violência. Portanto, na rua caem alguns estereótipos sobre o comportamento sexual. Meninos, meninas e homossexuais são competitivos, agressivos e violentos, não estando estas características associadas inevitavelmente à sexualidade.

Não sabemos que marcas podem produzir nas vidas e relacionamentos destas crianças uma sexualidade assim vilipendiada. Mas, um sinal de esperança e de possibilidade é o quadro da gravidez acidental (não planejada) de Índia, uma adolescente, na época da concepção com 13 anos de idade. Quando a criança nasceu houve uma revolução afetiva na Praça Deodoro (local de concentração de meninos e meninas de rua em Macció), os meninos desdobraram-se em carinho e cuidado, como que assumindo a paternidade do recém-nascido. A mãe resistiu por vários meses aos apelos das autoridades para que se desfizesse do bebê, só o fazendo posteriormente, por desejar um futuro melhor para o mesmo. Mesmo assim, ainda hoje, dois anos depois, lamenta a distância da criança e reclama da decisão judicial de não permitir que ela veja a sua filha, adotada por outra família.

3- IGUALDADE E DESIGUALDADE SEXUAL NA IGREJA

Surpreendentemente, é na igreja de Jesus Cristo que há a maior dificuldade de se expressar uma igualdade entre homem e mulher. Enquanto as leis da sociedade permitem cada vez mais o livre acesso da mulher a todos os setores da vida pública e os estudos sobre identidade e relacionamento reforçam a igualdade, a grande maioria das igrejas proíbem o acesso da mulher a cargos de liderança, bem como a maior parte de sua reflexão teológica sacraliza a desigualdade.

Apesar de vermos aumentar o número de pastoras ordenadas ao ministério, o número de homens' nesta função é infinitamente maior, sofrendo as

pastoras existentes vários tipos de discriminação. Isso se deve, especialmente, ao fato dos homens controlarem as estruturas e a reflexão teológica da igreja. Certamente, com o generalizado avanço dos direitos da mulher, a igreja experimentará uma maior socialização das suas estruturas e do seu pensar teológico, o que implementará mais rapidamente a igualdade entre homem e mulher no seu seio. Infelizmente, a igreja que deveria comandar a luta pela igualdade vem a reboque desta.

4- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. O estudo da relação masculino-feminino não pode se limitar aos efeitos do modelo discriminatório sobre a mulher oprimida, mas também aos efeitos nocivos para o homem opressor. Tanto a mulher que busca dependência quanto o homem que busca dominação, escondem, atrás destes mecanismos, suas inseguranças e frustrações, e, portanto, seus sofrimentos. Tanto o homem como a mulher precisam lutar contra si mesmos para romper essa estrutura de dominação. A "opção pela perda" é uma opção difícil. No entanto, a autorealização de um, às custas da não realização do outro, perfaz um esquema destrutivo que precisa ser percebido, combatido e exorcizado.

2. A família é o lugar revelador do estado de sanidade ou insanidade da sociedade em geral. Existe, entre família e sociedade, uma relação de inter-influência e inter-alimentação, onde o desequilíbrio de uma leva ao desequilíbrio da outra e o equilíbrio de uma leva ao equilíbrio da outra. Consequentemente, o projeto de saúde para o relacionamento masculino-feminino na família passa pela reestruturação da sociedade em sua dimensão político-econômica. Além disso, o projeto de restauração da sociedade passa pelo saneamento da família.

3. O projeto de restauração do relacionamento masculino-feminino não pode ser um projeto de dominação nem um projeto de independência, mas um projeto de inter-dependência, construído comunitariamente (entre homem e mulher), onde o processo de socialização e o processo de individuação do ser humano sejam respeitados e encontrem um ponto de equilíbrio.

4. As ciências humanas, a teologia e os meios de comunicação têm sido, via de regra, instrumento de ideologia da classe e do sexo dominante, reforçando os mecanismos de dominação e manutenção do "status quo". Se na era da Mídia é impossível desligar a televisão, também não se pode delegar à mesma a tarefa de educação da família. É preciso encontrar maneiras criativas de utilizá-la a favor de papéis sadios; combatendo, ao mesmo tempo, sua força destruidora. O desenvolvimento de um senso crítico para adultos e crianças e o estudo de padrões cristãos são armas eficientes contra o poder devassador dos meios de comunicação.

5. Quanto aos meninos e meninas de rua, urge uma resposta coerente para a desconcertante pergunta de uma menina de 12 anos: "Por que a gente não nasce duas vezes? Será que não dá para nascer de novo?". Não é possível recuperar o

passado, como afirma um menino de 14 anos: "Ninguém vai trazer de volta o que tiraram de minha vida". Porém, para o seu presente e futuro a igreja pode e deve ser o modelo e o agente de sua restauração.

6. Para o reaprendizado do que significa ser homem ou mulher no seu sentido integral é necessária uma grande dose de conscientização, decisão e coragem. Isto se dá através de uma agenda prática que elabore uma hermenêutica bíblica comunitária (entre homens e mulheres), uma educação sexual comunitária e um ministério comunitário, onde homens e mulheres, cidadãos iguais do Reino, serão parceiros iguais na história.